

**COLA
BORA
TÓRIO**



Brasília, 16 de setembro de 2025 | Ano 01 | número 01

PITACO

CADA UM DÁ O SEU



@eternatardeazul

EU QUERO DAR PITACO

A história do Século XX é a história do rápido desenvolvimento das tecnologias comunicacionais. Por conta de nossa tradição cultural escravocrata, a história das nossas comunicações & imprensa, foi portanto também a expressão de nossa colonização. Afirma Gilberto Felisberto Vasconcellos: “A terra brasileira sempre esteve privatizada desde as capitanias hereditárias”. Jornal, rádio, cinema, televisão e, posteriormente a internet são as partes constituintes do corpo de nosso orixá¹ comunicacional. O primeiro, passo inicial e, por muito tempo, o principal espaço de atividade profissional jornalístico, teve no Brasil, A Gazeta do Rio de Janeiro como sua primeira publicação em território nacional, datado no ano de 1808. Mesmo ano da chegada da Família Real Portuguesa. Após a era do papel impresso, aterrissamos nas ondas radiofônicas que mudaram inexoravelmente o rumo das coisas no mundo e aqui no Brasil, pedaço grande desse mundaréu. Nenhuma forma de comunicação assim o fora: o rádio estava em todos os lugares.

O estudo da audição, por parte dos frankfurtianos, mostrou a necessidade de saber o que é o rádio como entidade social e tecnológica: o rádio fala conosco mesmo quando não o ouvimos. Chegamos ao Cinema! Bomba cultural consolidada após as estrelas furiosas que foram caídas no céu do Japão. Acaba a 2ª Guerra e se abre um novo portal na história da humanidade: Imagem e Som. Antes disso, porém, na humanidade Brasileira, 95% dos filmes exibidos em 1925 eram norte-americanos. Aqui, na terra do pau brasil, nomes como Humberto Mauro, Walter da Silva, Roberto Pires, Nelson Pereira dos Santos e claro, Glauber Rocha, denunciado a mediocridade do elitismo no cinema paulista e da pornochanda no carioca, marcaram nosso caminho trágico na arte “que se aprende vendo, olhando, comparando”² cujo projeto nacional, ancorado à

perspectiva da soberania nacional, fora derrotada com o Golpe de 1964.³ Roliúds (hollywood) então toma forma nas nossas novelas “plim-plim”. É o que o povão pode pagar. E paga caro. Primeiro porque o modo de ver e ouvir é condicionado pelo processo social e histórico, segundo porque temos oito ou dez horas de telenovela todos os dias. Terceiro porque não bastassem os pais, nossas crianças estão assistindo: imagino agora uma menina negra que tentou ser barbie e não pôde: “beijinho beijinho, xau xau”! responderia uma célebre apresentadora dos anos 80, década da consolidação televisiva.

O colonialismo, nos ensina Fannon, não se faz necessariamente com a ocupação do território. Deve ser por isso que a trilha sonora do meu primeiro amor, aqui, dentro da minha cabeça, é uma canção norte-americana. Sentia meu cabelo até menos enrolado quando recebia cafunés: neurose neocolonial. Os anos passaram e com eles o desenvolvimento das forças produtivas. O estágio eletrônico do capitalismo mundial coloca todas as gerações, como que de repente, num furacão chamado¹ Internet: Apple, Google, Yahoo, Facebook, Youtube, Skype e Zapzap. Ferramentas. Portais. Empresas. Cê finí, gritou a Deusa Intimidade.

Ainda existe democracia possível aqui?
Reformulo: há liberdade no dizer?
Existe, de fato, uma Real Comunicação?



HÁ COMO DAR *PITACO*?

¹ Exu versa sobre os princípios da mobilidade, da transformação, das imprevisibilidades, trocas, linguagens, comunicações e toda forma de ato criativo. Nas máximas que trançam as esteiras dos saberes de terreiro, entre inúmeras formas, ele é reivindicado como o dínamo do universo, o linguista e tradutor do sistema mundo. Rufino, 2018.

² Citação de Humberto Mauro: Humberto Mauro (Volta Grande, 30 de abril de 1897 — 5 de novembro de 1983) foi um dos pioneiros do cinema brasileiro. Fez filmes entre 1925 e 1974, sempre com temas brasileiros.

³ O problema é que não existem projetos industriais nem culturais. O atual modelo cinematográfico é influenciado pela Globo e está aquém de Hollywood. O destino da Embrafilme seria flamejar a cultura nacional. O problema é que ninguém assume uma posição cultural. Todos temem tomar decisões.

Você reúne condições para operar algumas das reformas necessárias antes que seja tarde. Carta de Glauber Rocha para, Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, em 1981.



NOSSOS PITAQUEIROS



Rany Baliza | @eternatardeazul

Fotógrafo, fazendo poesia visual através do meu olhar do singelo ao extraordinário. Pitaco é caldeirão de Bruxa, ingredientes mágicos sortidos, pronto para fazer sortilégios.

Texto: Ballroom - A semente excluída, germinou e floresceu
Fotógrafo: Jornal Pitaco



Brayan Pereira | @br_yyaann | @equipevamoscorrer

Comunicólogo apaixonado em perceber comportamentos, por aí tentando melhorar o dia de alguém com a comunicação.

O que é o Pitaco senão um espaço pra discutir sobre aquilo pulsante que ninguém tá falando ainda?

Texto: O que é correr?

Social media: Jornal Pitaco | @equipevamoscorrer



Danielle Chaves | @chavescosmica

Produtora cultural, arte-educadora e multiartista do gesto, da palavra e da imagem. Cada criação é movimento, fresta e expansão, seja um truque de mágica, uma poesia, um texto crítico ou uma ilustração. Sua trajetória habita a alegria que desarma, a artimanha que provoca e a imaginação que abre fissuras para o novo florescer. Cofundadora da Companhia Cosmonautas Mágicos, onde atua da produção à cena e à comunicação. O Pitaco é palavra diversa que ri, conversa e clareia caminhos.

Texto: Nação Caramelo? Cor não é sabor, é política



Cida | @tokiarte

Candomblecista, técnica em enfermagem, formada em Administração de Empresas, designer gráfico, designer de bolsas, designer de estampas, costureira e empreendedora na Tóki Arte, onde transformo ideias em produtos personalizados sob encomenda.

Para mim, o Pitaco é falar o que importa, do nosso jeito.

Diagramação e Design Gráfico: Jornal Pitaco



Ellen Cordeiro | @_ellenbcordeiro

Comunicadora em formação, apaixonada por transformar ideias em experiências visuais que inspiram, provocam e conectam de forma marcante. Em cada criação, busca levar pautas relevantes e despertar o olhar de quem vê. Para mim, o Pitaco é o lugar onde opiniões se encontram, algo que todo mundo tem e que vira fala certa

Texto: Sociedade do barulho: você pode até falar, mas só vão visualizar



Marcus Vinicius | @marcus_vinicius60 | @equipevamoscorrer

Estou começando na área de influenciador digital e sou apaixonado por tecnologia e seus usos no dia a dia.

O Pitaco para mim é um pequeno espaço onde podemos compartilhar opiniões, entendendo que sempre haverá diferentes pontos de vista sobre qualquer assunto, dentro da demanda necessária, sem ultrapassar os limites do respeito e da ordem.

Texto: O que é correr?

Social media: Jornal Pitaco | @equipevamoscorrer



Helena | @helenafariascosta

Crio, organizo e acompanho conteúdo com um olhar curioso sobre o jeito como as pessoas comunicam e consomem.

No Pitaco, contribui com a seleção do que vale a pena sair de casa pra ver, ouvir ou viver.

O que é o Pitaco pra você?

O Pitaco tem o ouvido na conversa alheia, opina sem pedir licença e ainda consegue acertar o alvo.

Texto: Agenda Cultural



Juan Pablo Quarti | @juanquarti

É produtor cultural, arte-educador e multiartista circense. Cofundador da Companhia de Circo-Teatro e Arte-Educação Cosmonautas Mágicos. Argentino de Buenos Aires, vive há nove anos no Brasil, onde entrelaça cena, crítica, cultura e afeto. Interessa-se por geopolítica e cidadania e, no tempo livre, dedica-se à família, à natureza e à gastronomia. Para ele "O Pitaco" é revolução.

Texto: "La peluca" de Milei está caindo



Jéssica Azevedo | @jessicalunae

É artista visual, dançarina contemporânea e professora de Artes. Acredita no poder transformador da Arte e na potência da expressão como ferramenta de reflexão e luta. Para mim o Pitaco é atravessar a ponte do diálogo, seja para encontrar um ponto de vista familiar ou esbarrar num incômodo.

Poema: A Janela

Criadora e Ilustradora: Mascote PITACO



Giane Gibbert | @gianegibbert

Especialista em Gestão Pública e mestre em Desenvolvimento Regional, sempre atenta às demandas e potencialidades locais. Atua na construção de diálogos que conectam territórios, políticas públicas e iniciativas comunitárias, fortalecendo práticas coletivas e inclusivas.

Para mim, o Pitaco é espaço vivo de troca, onde ideias se encontram para inspirar caminhos possíveis.

Texto: Gabi: amar sem posse, existir com autenticidade

Revisora de texto: Jornal Pitaco



Ana Beatriz | @anabzna

Comunicadora, produtora cultural e apaixonada por arte e como ela está em tantas coisas do nosso dia-a-dia. Pitaco pra mim, é a união de territórios, falar o que todos comentam, mas não escancaram.

Texto: Cultura no DF: Onde encontra se encontra nossa cultura?

Social media: Jornal Pitaco

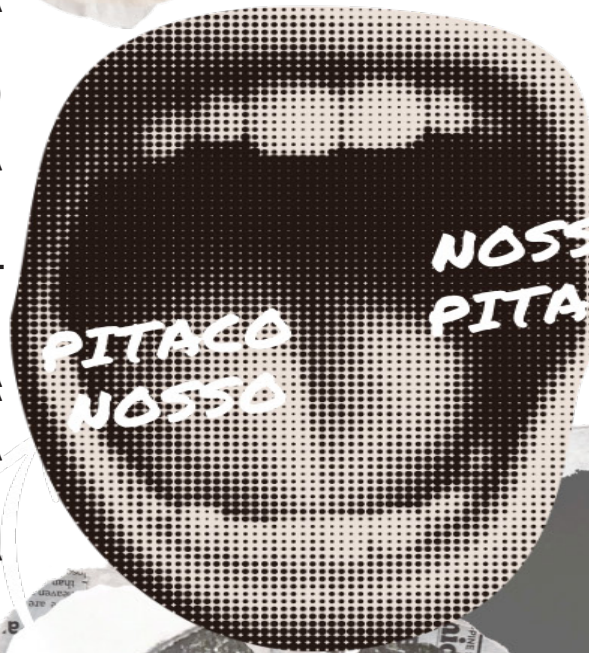
@jornalpitaco

CO*LA
BO*RA
TÓRIO

Dos alunos do Co-Laboratório nasceu o **Jornal Pitaco**.

Com as provocações do professor **Ian Viana** e o apoio das coordenadoras pedagógicas: **Maria Eduarda** e **Maria Clara**, demos vida à mascote **Pitaco** - cheia de jeito, faces marcantes e expressivas como nossa voz coletiva.

... e interior.
nos flúidos.
e dança do sonque,
e ciência e em por,
ti.



PITACO
NOSSO
NOSSO
PITACO

cor
nã
é
ph



SETEMBRO
2025



Ellen Cordeiro | @_ellenbcordeiro

o que é correr?

Talvez você pense que correr seja apenas sobre tempo, distância ou equipamentos caros. Mas, para quem já sentiu o vento no rosto e o corpo em movimento, a verdade é que a jornada vai muito além dos números. Trata-se de descobertas, superação, propósito e, acima de tudo, liberdade. Precisamos desmistificar algumas coisas. Primeiro, a alegria da corrida não pode ser roubada pela comparação. Não existe um pace “certo”, existe o SEU pace.

O ritmo ideal é aquele que faz você se sentir bem, que o conecta com o presente. Cada passo é uma conquista pessoal, não uma métrica para ser comparada.

A corrida é um esporte que acolhe, não importa de onde você venha. Você pode recomeçar quantas vezes quiser. Não existe ponto final, apenas vírgulas na sua história. Para ser um corredor, não há um padrão de corpo, idade ou trajetória. A corrida abraça a todos, de todas as formas.

O que muita gente pensa que, para correr, é preciso gastar muito. Mas a verdade é que só fica caro se você quiser. O básico já é suficiente para começar: um par de tênis e a vontade de ir. Com pouco, você pode sentir muito.

E não se engane, a corrida não precisa ser solitária. Ela é uma comunidade. Dividir a jornada, trocar experiências e receber incentivo tornam tudo mais leve e motivador, criando uma rede de apoio que vai além do esporte.

Você não precisa começar correndo 10 km. Ninguém começou assim. Cada um tem sua própria linha de chegada, e tudo bem. O mais importante é dar o primeiro passo. Ir devagarinho é sempre melhor do que não começar.

E aqui está o ponto mais importante de todos: o esporte não é sobre números, mas sobre transformar vidas. Ele é uma ferramenta poderosa de mudança. A corrida pode ser a primeira dose de autoestima, a chance de construir rotina e propósito, seja para buscar uma velhice mais saudável, para se reestruturar depois de perder a casa ou para recomeçar longe da dependência química.

É a oportunidade de reencontrar o corpo, a mente e o próprio caminho. Correr se torna um ato de resgate.

Texto:

Marcus Vinicius | @marcus_vinicius60

Brayan Pereira | @br_yyaann

@equipevamoscorrer

ENQUANTO ISSO...

PORQUE CORRER? NESSA IDADE



A JANELA

Por Jéssica A.S.

Outro dia, ao deixar a luz entrar
Senti ela se esticar sobre o lençol
Me chamando pra conversar.
O vento que batia no parapeito
Do alto de um outro andar
Me chamava baixinho,
Queria me levar para dançar.

Desviando de seu convite
Eu flertava sem aceitar,
Desejando o fim
Mas também querendo ficar.
Para satisfazer o que me doía
Buscava entre a dor e a lâmina fria
Abrir na pele todas as frestas
para deixar o sol entrar.

Queria me preencher com luz,
Ocupar o vazio do meu ser,
Não ser mais casca nem o oco,
Eu só queria queimar e renascer.

Eu seguia como uma agulha sem linha,
Incapaz de costurar meus sonhos
no tecido do futuro,
Cercada, mas ainda sozinha,
Pensando na janela,
no vôo e no escuro.



Vez ou outra, quando me pego
no silêncio do meu próprio lar,
Quando ninguém me encontra,
Quando só tenho meu reflexo pra olhar,
Eu olho pra janela,
Eu chego perto deixando a luz me tocar,
Como se por um passe de mágica
Ela pudesse me erguer do chão
E me abraçar.

Então eu desprendo e volto,
Danço, choro, me rasgo, me remendo,
Olho no espelho e me vejo
Neste ser poente e nascente,
Estrela ardente
que não consegue parar de queimar.



O VÍDEO-ARTE QUE ACOMPANHA ESTE TEXTO
POÉTICO PODE SER ACESSADO PELO QR CODE
AO LADO.

Jéssica Azevedo | @jessicalunae

NAÇÃO CARAMELO?

COR NÃO É SABOR, É POLÍTICA

Pardo é categoria oficial do IBGE desde 1872, com idas e vindas na formulação, mas nunca foi neutro. Com *hashtag* e embalagem nova, emerge um novo discurso: a tentativa de erguer um “orgulho pardo” como identidade apartada do negro. Nas últimas semanas, o debate ferveu. De um lado, quem defende reconhecer a experiência parda como identidade política própria. Do outro, quem alerta: essa engenharia pode rachar a coalizão preta+parda que sustentou as conquistas dos últimos anos.

Os números falam por si. O Censo 2022 registrou: pardos são 45,3% do país; pretos, 10,2%; brancos, 43,5%¹. Pela primeira vez desde 1991, os pardos superaram os brancos. A Lei 12.288/2010, o Estatuto da Igualdade Racial², cravou: população negra = pretos + pardos. É esse guarda-chuva que sustenta cotas e políticas de reparação. Ainda assim, pretos e pardos continuam com os piores índices em emprego, educação e saneamento.

Mas de onde vem essa cor inventada? O termo “pardo” surgiu nos papéis da Colônia como marca para mestiços, sempre como categoria de segunda classe³.

Desde cedo, carregou o peso do apagamento duplo: da negritude e da ancestralidade indígena. Quando o IBGE oficializou a categoria, a estratégia virou estatística: separar pretos de pardos para fabricar uma minoria artificial, mesmo quando juntos já éramos maioria.

Agora, em 2025, o rótulo volta à cena com a promessa legítima de dar nome a dores específicas, como o colorismo, a passabilidade, injustiças em bancas de heteroidentificação, falta de equidade no acesso a políticas afirmativas. Tudo isso existe e precisa ser ouvido, mas não exige novos rótulos. Exige políticas públicas melhores. Educação antirracista e letramento racial. Bancas de heteroidentificação com formação antirracista e direito a recurso. Dados abertos por fenótipo e território. Cuidado em saúde mental. E, sobretudo, políticas que compreendam as nuances internas sem perder de vista o essencial: abranger toda a população negra (pretos e pardos) de forma justa.

Texto : Danielle Chaves | @chavescosmica



Meu pitaco? Respeito a dor, ouço a nuance, mas sigo com a soma. Porque na caixa mágica da política, não é pó de caramelo que transforma: é a mistura que faz o feitiço.

¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: características gerais da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

² BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 21 jul. 2010.

³ ROMERO, Silvio. História da literatura brasileira. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

CAÇA PALAVRAS

Neste jornal, a gente não entrega só pitaco, porque se a vida é luta, o lazer também pode ser um ato político. Então já separa a caneta e se prepare para caçar palavras com a gente.

Aqui tem manifesto disfarçado de passatempo, tem resistência escondida entre as letras, tem rolezinho que cabe na folha inteira e até gambiarra feita para ocupar os espaços. No meio do caos, aparece um pico de energia, um pitaco de quem nunca se cala e, claro, reflexões que miram no futuro.

Caça aí e descubra se você acha tudo. Se não achar, já valeu pela provocação.

ENCONTRE AS PALAVRAS

MANIFESTO RESISTÊNCIA
ROLEZINHO PITACO

GAMBIARRA CAOS
PICO FUTURO

H	D	Y	S	G	A	M	B	I	A	R	R	A
P	I	T	A	C	O	G	F	K	Z	G	N	L
Y	N	I	W	F	G	X	Y	X	Q	I	R	U
P	R	E	S	I	S	T	Ê	N	C	I	A	B
P	S	B	S	Q	R	X	W	G	C	A	O	S
M	A	N	I	F	E	S	T	O	K	A	M	F
T	Z	A	P	I	H	V	J	D	I	F	B	P
Y	R	O	L	E	Z	I	N	H	O	U	Z	U
Z	V	S	R	V	L	O	J	B	M	T	A	G
J	Y	S	E	U	W	F	F	M	C	U	K	H
X	P	I	C	O	J	S	F	E	M	R	U	T
L	K	N	U	C	E	L	O	K	L	O	A	E
E	Z	W	P	P	G	M	E	I	D	C	Y	E

Jéssica Azevedo | @jessicalunae



anda

GABI: AMAR SEM POSSE, EXISTIR COM AUTENTICIDADE

Gabriel, ou Gabi, nasceu no Rio de Janeiro, cidade que sempre vibrou com cores que apenas ele notava. Gabi possui Transtorno do Espectro Autista (TEA), e, para ele, o mundo se apresenta em ritmos e padrões que nem sempre são compreendidos pelos outros.

O apartamento que divide com a irmã Tarsila e o irmão Paulo é sua fortaleza. Tarsila, pintora, transforma cada canto em ateliê, cada parede em tela viva. Paulo, chef de cozinha e coração generoso, espalha aromas e gestos de cuidado. Entre telas e aromas, pincéis e panelas, Gabi aprendeu a ver, perceber e sentir.

Gabi estudou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quando adulto, foi trabalhar no Museu Nacional. O Museu tornou-se seu espaço sagrado. Ali, podia ser plenamente ele mesmo. Ali, o mundo fazia sentido; ali, ele podia existir sem ruído, sem medo, apenas com atenção e contemplação. E foi nesse lugar que ele conheceu Marília, zeladora.

Marília entrou em sua vida com a suavidade e a firmeza de quem conhece a dor e a alegria por meio da experiência. Gabi sentiu imediatamente algo que ultrapassava a admiração. Um amor silencioso, delicado, não declarado. Ele se encantava com ela, e, sem perceber, existia entre eles uma dança de olhares e percepções que nenhum diálogo poderia explicar.

Então veio o fogo: o 2 de setembro de 2018 consumiu quase tudo. O Museu Nacional, com seus fósseis gigantes, relíquias indígenas, dioramas e lembranças de eras, transformou-se em cinzas. O incêndio levou consigo o que lhe aproximava de Marília. O amor que existia apenas em observação e memória, que nunca fora declarado, agora parecia ainda mais inalcançável.

A vida continuou. Gabi caminhava pelo mundo agora marcado pela ausência, pelo silêncio, pelo espaço vazio, pela impossibilidade de ver Marília. E foi na escrita que Gabi encontrou refúgio. No papel, nas páginas que se acumulavam, nas palavras, ele encontrou caminhos que a fala não possibilitava. Entre as linhas, Gabi reconstruía o seu próprio mundo.

Escrevia sobre o incêndio, mas não como registro de destruição.

Escrevia como memória daquilo que o fogo

não podia consumir, sentimentos, percepções e imagens que estavam dentro dele. O amor por Marília, tão silencioso, tão delicado, encontrava no papel uma forma de existir, de respirar.

No silêncio de suas páginas, o amor por Marília não era diminuto. Era vasto e luminoso. Ele escrevia sobre a maneira como ela movia os ombros ao caminhar, como sorria. Ele registrava a vida dela contida em gestos e olhares. E, na escrita, ele podia aproximar-se dela sem medo. O Museu, embora consumido pelo fogo, renascia nas páginas. Nos corredores imaginários, ele caminhava com Marília.

Gabi escrevia sobre o amor, sobre a perda, sobre a memória. Descobriu que a escrita podia ser tudo: refúgio, expressão, resistência, autonomia, autoconhecimento.

O incêndio levou objetos, rotinas e proximidade, mas não podia levar a essência do que ele sentia. A intensidade das emoções, a sensibilidade, a necessidade de observar, registrar, compreender, tudo permanecia intacto. Marília continuava presente na memória e na escrita, e ele descobriu que o amor não precisava de reciprocidade para ser completo.

Ele aprendia a viver com intensidade, a sentir com profundidade. Cada página escrita lembrava que era possível enfrentar desafios, sobreviver à perda, amar sem posse, existir com autenticidade.

A história de Gabi nos convida a olhar com mais atenção para o que é sutil, silencioso, não dito. Nos mostra que o mundo de uma pessoa com TEA é complexo, profundamente humano e digno de escuta, respeito e espaço.

Este é um convite à empatia real, aquela que se constrói na escuta, na paciência e na valorização das diferenças. Que possamos enxergar em cada Gabi, em cada pessoa, não o que falta, mas o que pulsa, o que brilha, o que resiste e cria.

Porque, no fim, como nos lembra Gabi em cada página escrita: viver com autenticidade é um ato de coragem. E acolher o outro em sua singularidade é um ato de amor.

Texto e imagem: Giane Gibbert | @gianegibbert

Ellen Cordeiro | @_ellenbcordeiro



SOCIEDADE DO BARULHO:

você pode até falar, mas só vão visualizar

NA ERA DA ACELERAÇÃO E DA PRODUTIVIDADE, A ESCUTA PODE SER UM ATO DE RESISTÊNCIA, CONTRA A SOLIDÃO E O DESGASTE DA VIDA CONTEMPORÂNEA.

Como sociedade, vivemos imersos em um estado permanente de aceleração e estímulos que alteram, de forma profunda, a maneira como nos relacionamos.

Não se trata apenas de uma rotina exaustiva, mas de uma lógica de desempenho que invade até a comunicação, transformando a escuta em algo quase inexistente, um ato raro.

No termo “sempre conectado”, nos ligamos a todas as esferas da internet. Afinal, estamos na era da tecnologia, não é mesmo? Se vejo tanto, é claro que quero falar. Só que, no final, toda essa aceleração nos leva ao abismo da autodestruição social. Não temos mais disposição para escutar o outro: queremos falar, mas não ouvir. Falar é ocupar o palco, e, quando falo, estou no centro; o meu “eu” é protagonista. Tanto faz escutar quem quer falar mesmo que sua fala seja de dor, de súplica, de carência. Escutar já não parece fazer parte de quem nós somos.

Pare um instante: tire os fones de ouvido, se afaste do mundo digital por alguns minutos, olhe à sua volta. A vida fala por si só, sem precisar de muitos diálogos. No caminho para pegar um ônibus, somos capazes de observar diversas histórias: um calouro, um veterano, o primeiro dia de emprego, uma demissão... Tantas vidas.

Quando foi que nos tornamos tão indiferentes? Melhor: quando normalizamos tudo isso? Vivemos o paradoxo de ser a geração que mais comunica e a que menos ouve. Tornamo-nos astros da tecnologia e, ao mesmo tempo, ignorantes na escuta, não a escuta superficial, mas a que exige silêncio e afeto. A comunicação excessiva e a ausência de escuta nos levam a relações superficiais: na carreira, no pessoal, no íntimo. Reforçam um pensamento individualista que, por sua vez, gera intolerância e impaciência. Queremos falar rápido, como se no “modo 2x” a vida se tornasse mais fácil (menos entediante).

Falamos tanto sobre evolução e nos gabamos disso, mas mal percebemos como estamos regredindo.

As redes sociais, embora sejam ferramentas poderosas, também nos colocam diante do risco do abismo, fazendo com que percamos, aos poucos, quem realmente somos.

A maior verdade é que, para ouvir o outro, é preciso parar: tirar a própria voz de cena e silenciar o egocentrismo, dando espaço para que o outro ocupe o palco. Porém, em uma sociedade em que a comunicação acontece sob o paradoxo das redes sociais, escutar o outro parece quase um blefe, uma perda de tempo. Nunca nos comunicamos tanto, todos lançando suas falas em tom aberto, áspero e soberbo e, ao mesmo tempo, nunca ouvimos tão pouco.

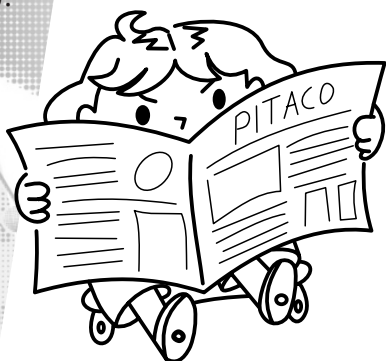
Veja: não se trata de dizer que comunicar-se é ruim; muito pelo contrário: a comunicação é uma ferramenta de poder que deve ser usada. Mas, se falo tanto, também preciso me calar um pouco para escutar outras vozes ao meu redor. Caso contrário, perco o tato, o afeto e a visão do outro, portanto, talvez o maior desafio, em uma sociedade tão barulhenta que nos empurra ao excesso, seja este: ouvir. Escutar pode ser um ato de resistência, o caminho necessário para recuperar a humanidade que perdemos.

Texto: Ellen Cordeiro | @_ellenbcordeiro

Referências:

Han, B.-C. (2007). A sociedade do cansaço. Rio de Janeiro: Vozes.

Han, B.-C. (2012a). A sociedade da transparência. São Paulo: Paulus.



**Agora me diga:
você já escutou hoje?**

COLORINDO A



Ilustração: Jéssica Azevedo | @jessicalunae

PITACO

BALLROOM

A SEMENTE EXCLUÍDA, GERMINOU E FLORESCEU



A comunidade negra e LGBTQIAPN+ não era bem-vinda nos bailes tradicionais de beleza. Entre as décadas de 1960 e 1970, em Nova York, surgiu a cultura ballroom como resposta a essa exclusão. Com suas categorias: Face, voltada para a beleza, o polimento da maquiagem e as expressões; Vogue, uma dança marcada por movimentos expressivos e acrobacias que impressionam; Best Dress, que premia o melhor figurino adaptado a um tema, entre outras.

Existem as Houses, como são chamadas as casas locais onde se pode encontrar pais e mães sem relação sanguínea que formam um coletivo familiar. Nesses espaços, há o acolhimento de pessoas expulsas de seus lares, que não encontraram amor devido a seus corpos, gêneros ou sexualidades destoantes do mundo binário.

Nas Balls, há momentos de conversa e autocuidado, nos quais podem ser oferecidas informações sobre HIV e AIDS, além de ações de prevenção, distribuição de testes de HIV e preservativos.

Décadas se passaram, e a cultura ballroom continua forte ao redor do mundo, como espaço de resistência política e social que enaltece e acolhe corpos marginalizados.

Estivemos em um desses eventos, realizado pela Território Ballroom nos dias 29 e 30 de agosto, sob a organização de Ronald Batista, no Centro Cultural da Estrutural.

“Acredito que o impacto desse evento na sociedade seja significativo, especialmente considerando a questão da descentralização cultural. Anteriormente, a cultura ballroom estava predominantemente concentrada no Plano Piloto. Atualmente, ela se manifesta em outros locais, tanto nas cidades satélites quanto nas cidades do entorno.

Essa descentralização é fundamental e necessária, sobretudo para comunidades periféricas, como a Cidade Estrutural. Sinto diariamente a necessidade de representatividade cultural aqui, pois nossa cidade é conservadora. Observamos preconceito e violência, como agressões verbais e físicas contra minhas amigas travestis. É crucial criarmos espaços de acolhimento para educar nossa comunidade, mostrando que a diversidade é necessária e benéfica, e não segregadora.” (Ronald)

O que pudemos presenciar e sentir durante o evento foram diversas pessoas demonstrando desejo, esforço e uma enorme entrega para representar suas Houses. A cada categoria anunciada, os concorrentes atravessavam um verdadeiro portal: o da entrega artística.

E a plateia vibrante vislumbra o que uma boa performance é capaz de provocar: a hipnose e a euforia de torcer por sua House ou artista favorito. Com exuberantes figurinos, globo espelhado no teto, luzes estroboscópicas, DJ e júri, um sortilégio é lançado sobre todos. Não há como nossas mentes não estarem presentes naquele espaço. O espetáculo estava diante de nós, e a única alternativa era sublimar com ele.

Texto e Fotografias : Rany Baliza | @eternatardeazul



CULTURA NO DF:

ONDE SE ENCONTRA NOSSA CULTURA?

Texto: Ana Beatriz | @anabzna

Há uma movimentação diversa no cenário cultural do DF, com uma quantidade impressionante de produtores que estimulam essa cena. No entanto, uma questão pertinente é: em qual região está localizada essa riqueza? A periferia tem sido pauta nas discussões sobre a ocupação do centro cultural do DF, e o diálogo entre as regiões administrativas é presente e necessário. Como o Estado não é proativo nesse sentido, fazendo justamente o contrário, a comunidade precisa se unir para promover e preservar a tradição.

O desinteresse do governo é um obstáculo significativo. Um exemplo recente foi a alteração local do “Maior São João do Cerrado”, que foi transferido da Ceilândia para a Esplanada dos Ministérios, no Plano Piloto. O evento, que completou 18 anos de existência, não alcançou a mesma lotação nem a diversidade que tinha em sua antiga área. A mudança gerou debates nas redes sociais, com diversas críticas à decisão.

A falta de recursos é um empecilho para que as manifestações culturais aconteçam de forma efetiva e contínua. No entanto, existem espaços e produtoras que buscam fazer a diferença nos eventos culturais de Brasília fora do centro. É o caso do Jovem de Expressão, em Ceilândia; da NoDois Produções, em Sobradinho II; do Isso Aqui é DF, em Taguatinga; da Casa Akotirene, em Ceilândia; e do Cio das Artes, também em Ceilândia.

Portanto, entende-se que a cultura é uma necessidade básica que precisa ser acessível, e que muitas dessas extensões culturais têm uma dificuldade central para fazer essa roda girar, a escassez de facilitadores para que as comunidades tenham acesso a esses centros culturais, e também que se coloquem no local de possíveis agitadores dessas informações em suas quebradas.



Casa Akotirene, em Ceilândia - (crédito: Pedro Ladeira / Folhapress)



Cio das Artes, em Ceilândia - (crédito: Zahir, o poeta)



NoDois Produções, em Sobradinho II (crédito: João Victor - @joao_oposto)



Jovem de Expressão, em Ceilândia - (crédito: Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press)



Isso Aqui é DF, em Taguatinga - (crédito: Reprodução / Instagram)

ONDE SE ENCONTRA NOSSA CULTURA? CONFIRA ABAIXO



AGENDA CULTURAL

Evento	Descrição	Local	Data/Horário	Ingressos / Info
Espelunca DF	Bar no centro do Plano: drinks, pizzas e noites temáticas.	SCS Qd. 1 Ed. Maristela	Quarta a Domingo	@espeluncadf
UNDER7 CLUB	Espaço de encontros para artistas independentes (música, dança, artesanato, grafite, teatro e cinema).	Under7 Escola de Artes – Águas Claras	Toda 2ª quinta do mês, 20h–00h	Entrada gratuita @under7.club
O Arco-Íris do Concreto (Peça Teatral)	Homenagem à boate LGBTQIAPN+ New Aquarius, ícone dos anos 70. Dir. Sérgio Maggio.	Samambaia (23–24/9, 20h) Sesc Silvío Barbato SCS (26–27/9 e 3–4/10, 19h30; 28/9 e 5/10, 18h30)	Setembro e Outubro	Gratuito, Sympla @aquariusoarcoirisoconcreto
Só Taguá Tem (Documentário)	Celebra história, cultura e patrimônios de Taguatinga + oficina da Drag Queen Linda Brondi.	Teatro SESC Taguatinga Norte	16/9 às 10h e 15h	Entrada gratuita
Setembro de Segunda Mão	Campanha Fashion Revolution sobre sustentabilidade e consumo consciente.	Brechós parceiros: @disco_labbb, @perifabrechoo, @circuitosustentavel, @bemqtquis, @toface.brecho	Setembro inteiro	Diversos locais

Helena | @helenafriascosta



“LA PELUCA” DE MILEI ESTÁ CA IN DO

Mientras os meios de comunicação hegemônicos comemoram o Plano Motosserra do presidente Javier Milei, a população sente na pele o ajuste e o desmonte de políticas públicas.

No primeiro semestre deste ano, o governo exaltou dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC), que apontam uma queda histórica na extrema pobreza: de 52,9% no final do governo anterior para 38,1% no último semestre de 2024. Entretanto, as estatísticas oficiais nem sempre refletem a realidade vivida pela população. Especialistas criticam a metodologia do INDEC, cujos parâmetros de medida não sofrem alteração desde 2005. A ausência de atualização faz com que sejam subestimados os gastos reais dos cidadãos.

No domingo, 07/09/2025, a cidade de Buenos Aires, onde reside 40% da população nacional, foi às urnas para o primeiro turno das eleições legislativas. O resultado: 47,25% dos votos foram para a oposição peronista, superando os 33,72% obtidos pela aliança Milei-Macri.

Está claro que a Argentina quer outro rumo: um país onde ter trabalho, pagar as contas e viver dignamente seja possível. “Pasito a pasito, la peluca de Milei está cayendo.”

Texto: Juan Pablo Quarti | @juanquarti



a palavra

não

anda

reta

ela

GINGA